

## A vingança de Zulma

Elaborou a trama com muito cuidado. Primeiro teria que forjar um álibi perfeito. Não poderia deixar nada desencaixado. Depois executaria o trabalho, e, ato contínuo, a liberdade e a vida que merecia ter. Sua filha não passaria pelo que ela passou.

Levantou-se cedo e foi à missa das sete. Era um costume antigo. Um ritual que executava todos os domingos. Havia muito pouco para ser feito naquele fim de mundo. Trabalhar, ir à missa, conversar um pouco com algum conhecido e voltar para casa. Neste domingo seria um pouco diferente. Mesmo assim passou na igreja. Padre Caetano estranharia se ela não aparecesse. Portou-se como de costume e fez questão de dizer que viajaria por uns dias. Estava de folga e visitaria sua irmã na cidade vizinha.

Levando uma pequena maleta na mão pegou o ônibus e seguiu seu destino. No dia seguinte, após uma rápida ligação telefônica, avisou a irmã de que teria que se ausentar por um motivo qualquer. Voltaria antes da noite. Tudo estava correndo conforme havia planejado.

Seu marido Zeca, quando o pobre ainda era vivo, foi peão da fazenda onde moravam num pequeno rancho, bastante afastado da casa grande. O patrão, seu Juarez, viúvo sem filhos, vivia ameaçando despedi-lo, por qualquer coisa de errado que acontecia, fosse ou não culpa dele.

Zulma contra sua vontade, seguidamente era visitada pelo fazendeiro. Por coincidência sempre acontecia quando seu marido estava afastado da fazenda, por qualquer tipo de trabalho ordenado por seu Juarez. Ela era obrigada a fingir e reprimir sua repulsa até que conseguissem sair dali. Certo dia Zeca voltou antes do esperado. Neste mesmo dia caiu do cavalo, em situação suspeita, nada foi comprovado. O coitado quebrou o pescoço e ainda por cima foi acusado de negligência.

A viúva para manter a filha de oito anos e dar estudos a ela começou a trabalhar no matadouro. O patrão continuava o mesmo, mas agora não mais era obrigada a conviver com ele. Ela odiava aquele emprego, mas era o único que lhe permitia levar a menina no período que esta não tinha aula, além de continuar tendo onde morar. Sofreu a falta do marido e trabalhou calada por treze longos anos, alimentando e elaborando sua vingança. Agora chegara o dia.

Numa vila afastada dali, havia um pequeno bolicho frequentado por poucas pessoas, e que tinha uma sala reservada, atualmente quase abandonada, nos fundos do estabelecimento. O dono era um português bonachão, velho amigo de Zulma, que devido a problemas de audição, falava sempre muito alto, quase gritando.

Com uma boa conversa, arrependida e em nome dos velhos tempos, Zulma atraiu Juarez para um encontro sigiloso naquele local afastado. Dois dias depois o dono do bolicho ligou para a polícia. Havia encontrado um cadáver. Interrogado pelo delegado, o comerciante respondia com tranquilidade. Não. Não havia escutado tiro. Não tinha a menor ideia do que poderia ter acontecido. Não tinha visto ninguém entrar ou sair. O movimento andava muito fraco. Fora abrir a peça só para arejar um pouco e levou um susto. Após as investigações foi constatado

que a arma utilizada pertencia ao morto, assim como as impressões digitais. O caso foi encerrado como suicídio.

Demonstrando surpresa e pesar quando foi avisada da morte do patrão, Zulma abraçou a filha, agora adulta. Sua missão estava cumprida. A vida agora seria outra. Nunca mais morariam naquele rancho. O resultado do exame de DNA comparando material do falecido e da filha estava bem guardado.

Inspirado no conto EMMA ZUNZ do escritor argentino Jorge Luís Borges